

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano
/ Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos.
- Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-788-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.885212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos sobre artes e outros temas.

Estudos literários traz análises sobre romances gráficos, representação do islã, autobiografia, leitura e (re)escrita na rede, imaginário, morte, marginalidade, letramento literário, literatura infantojuvenil, pessoa com deficiência e surdez.

São verificadas, em estudos sobre artes, contribuições que versam para conteúdos como fazer poético, ensino, música, corpo, dança, feminino, samba e metalinguagem.

No terceiro momento, outros temas, dispomos de leituras sobre racismo, violência, tradução, cuidado humanizado e saúde.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DISCUTINDO LITERARIEDADE EM ROMANCES GRÁFICOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE THE HOBBIT (1990) DE DAVID WENZEL E CHARLES DIXON	
Yan Victor Pinto Lopes Martins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120121	
CAPÍTULO 2	20
A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ E DO ORIENTE MÉDIO NA LITERATURA NORTE-AMERICANA	
Loiva Salete Vogt	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120122	
CAPÍTULO 3	32
AUTOBIOGRAFIA E ARTE EM <i>CAT'S EYE</i> , DE MARGARET ATWOOD	
Natália Pacheco Silveira Leonardo Pogliã Vidal	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120123	
CAPÍTULO 4	45
LEITURA E (RE)ESCRITA NA REDE!: ANÁLISE LITERÁRIA E LINGUÍSTICA NA OBRA DIAS PERFEITOS, DE RAPHAEL MONTES	
Tanise Corrêa dos Santos do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120124	
CAPÍTULO 5	56
LILITH GANHA ASAS NO IMAGINÁRIO DO CONTO SEM ASAS, PORÉM, DE MARINA COLASANTI	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120125	
CAPÍTULO 6	78
AS NARRAÇÕES DA MORTE E DO MORRER NO CONTO “MORTE SEGUNDA”, DE CAIO FERNANDO ABREU	
Priscila Bosso Topdjian	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120126	
CAPÍTULO 7	86
EXPERIÊNCIA E MARGINALIDADE NO ROMANCE “ELES ERAM MUITOS CAVALOS”, DE LUIZ RUFFATO	
Gislei Martins de Souza Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120127	
CAPÍTULO 8	97
LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO: CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA	

A FORMAÇÃO DO LEITOR

Sabrina Camargo Pinoti da Silva

André Luiz Alselmi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120128>

CAPÍTULO 9..... 108

TERMINOLOGIAS ATRIBUÍDAS À PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL – MUNDO IMAGINÁRIO OU ESTIGMAS?

Bárbara Rangel Paulista

Flávio Da Silva Chaves

Shirlena Campos De Souza Amaral

Crisóstomo Lima Do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120129>

CAPÍTULO 10..... 121

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS EM “CLÁSSICOS” DA LITERATURA SURDA INFANTIL

Anesio Marreiros Queiroz

Skarlette Jardannya Batista Cavalcante

Clevisvaldo Pinheiro Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201210>

CAPÍTULO 11 139

E.E. CUMMINGS E JOSÉ LEONILSON: O FAZER POÉTICO ENTRE O PAPEL E A TELA

Laura Moreira Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201211>

CAPÍTULO 12..... 151

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS: REMINISCÊNCIAS DE ADOLESCENTES RECLUSAS

José Carlos da Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201212>

CAPÍTULO 13..... 165

SAINDO DA BOLHA” E “TÉCNICA E ESPIRITUALIDADE”: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS DE MÚSICA COM EXPERIÊNCIAS PENTECOSTAIS

Ana Lúcia de Marques e Louro-Hettwer

Andressa Zambrano Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201213>

CAPÍTULO 14..... 173

O CORPO E A DANÇA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO: UMA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Danielle Márcia Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201214>

CAPÍTULO 15	182
PRESENÇA FEMININA NO SAMBA DE RAIZ: TIA CIATA, UMA TESTEMUNHA DOS TERREIROS, DA CULTURA E DA LINGUAGEM	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201215	
CAPÍTULO 16	196
AGOSTINO DI DUCCIO, ABY WARBURG E O ORATÓRIO DE SÃO BERNARDINO: ANJOS EM SERENA VERTIGEM	
Sandra Makowiecky	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201216	
CAPÍTULO 17	213
O GESTUAL X NA RECODIFICAÇÃO TÉCNICA E METALINGUÍSTICA NAS OBRAS DE MARIA BONOMI	
Marcela Matos Nhedo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201217	
CAPÍTULO 18	225
RACISMO E VIOLÊNCIA: A SEMIÓTICA DA DOR	
Érico Medeiros Jacobina Aires	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201218	
CAPÍTULO 19	237
INVISIBILIDAD DEL TRADUCTOR Y SU LABOR ...UN PROBLEMA DE TODA PROFESIÓN	
Claudia Andrea Durán Montenegro	
Adriana Araceli Padilla Zamudio	
Diana Guadalupe de la Luz Castillo	
Beatriz Pereyra Cadena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201219	
CAPÍTULO 20	245
A CARÍCIA ESSENCIAL E O CUIDADO HUMANIZADO EM SAÚDE: UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA ENTRE O VERBAL E O ICÔNICO CONCATENADA AS BASES DO PENSAMENTO COMPLEXO	
Cristiane Barelli	
Maria Lúcia Dal Magro	
Graciela René Ormezzano	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201220	
SOBRE O ORGANIZADOR	257
ÍNDICE REMISSIVO	258

CAPÍTULO 10

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS EM “CLÁSSICOS” DA LITERATURA SURDA INFANTIL

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 17/11/2021

Anesio Marreiros Queiroz

Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Teresina – PI
<http://lattes.cnpq.br/5949293475045842>

Skarllthe Jardannya Batista Cavalcante

Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Teresina – PI
<http://lattes.cnpq.br/2357196941865118>

Clevisvaldo Pinheiro Lima

Universidade Federal do Piauí – UFPI
Teresina - PI
<http://lattes.cnpq.br/3859315611509484>

RESUMO: Os sentidos produzidos pelos textos não estão presentes ou limitados apenas ao código. A intertextualidade é um aspecto fundamental a ser considerado na leitura de um texto, uma vez que as relações que estabelecemos de um texto com outros é fundamental para facilitar uma compreensão mais holística. Assim, este trabalho tem como objetivo identificar e apresentar as relações intertextuais presentes nas obras da literatura surda infantil brasileira, *Cinderela Surda* (2007) e *Patinho Surdo* (2011), adaptações dos clássicos *Cinderela* (versão dos Irmãos Grimm - 860 a.C.) e *O Patinho Feio* (publicado em 1843 pelo dinamarquês Hans Christian Andersen), adaptadas à cultura surda. Para tanto, adota-se autores como Pièggay-Gros (2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2012;

2018). Como metodologia, utiliza-se uma abordagem descritiva e explicativa, buscando descrever as características do objeto de análise e identificar as relações intertextuais. Salienta-se que pesquisas como essa, que se propõem a analisar obras voltadas à comunidade surda e aos estudos surdos, ainda são incipientes. Nesse sentido, acredita-se que esta pesquisa pode trazer importantes contribuições para a área de Linguística Textual, Estudos Surdos e para a área de Letras em geral. Destaca-se que, a partir das relações intertextuais por copresença e derivação, foi constatada a presença de relações intertextuais explícitas, como a *referência*, implícitas, como a *alusão*, e ainda aquelas que se estabelecem por derivação, como o *pastiche*. Cientes de que não foram esgotadas as análises das obras, envolvendo a temática, acredita-se que outros estudos poderão enriquecer ainda mais essa discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Texto; Relações Intertextuais; Literatura Surda Infantil.

INTERTEXTUAL RELATIONS IN “CLASSICS” OF DEAF CHILDREN’S LITERATURE

ABSTRACT: The meanings produced by the texts are not present or limited only to the code. Intertextuality is a fundamental aspect to be considered when reading a text, since the relationships we establish between a text and others is fundamental to facilitate a more holistic understanding. Thus, this work aims to identify and present the intertextual relations present in the works of Brazilian deaf children’s literature *Cinderela Surda* (2007) and *Patinho Surdo* (2011),

adaptations of the classics Cinderela (version by the Brothers Grimm) and O Patinho Feio (published in 1843), adapted to deaf culture. Therefore, authors such as Piègay-Gros (2010), Koch, Bentes and Cavalcante (2012) and Cavalcante (2018) are adopted. As a methodology, a descriptive and explanatory approach is used, seeking to describe the characteristics of the object of analysis and identify the intertextual relationships. It is noteworthy that researches like this, which propose to analyze works aimed at the deaf community and deaf studies, are still incipient. It is believed that this research can bring important contributions to the field of Textual Linguistics, Deaf Studies and to the field of Letters in general. It is noteworthy that, from the intertextual relations by co-presence and derivation, the presence of explicit intertextual relations, such as the reference, implicit ones, such as the allusion, and also those that are established by derivation, such as the pastiche, were found. Aware that the analyzes of the works involving the theme have not been exhausted, it is believed that other studies can further enrich this discussion.

KEYWORDS: Text; Intertextual Relations; Deaf Children's Literature.

1 | INTRODUÇÃO

Existem diversos estudos que tratam sobre a questão da intertextualidade. Todavia, estudos que abordem esta temática, sob a ótica da surdez, isto é, que considerem textos adaptados para surdos ou questões ligadas ao campo dos estudos surdos, ainda são muito escassos. Assim, é a fim de contribuirmos com um maior aprofundamento das pesquisas nessa área de conhecimento que desenvolvemos o presente trabalho. Nele apresentamos um breve estudo sobre a intertextualidade e descrevemos como essa propriedade textual se manifesta, considerando que ao lermos um texto, é importante que possamos, por meio da “habilidade” de identificar o texto-fonte, entender as significações produzidas e perceber a relação que se estabelece entre os mais diferentes gêneros.

Os textos analisados nesta pesquisa foram escritos a partir de uma perspectiva interna à cultura e identidade surdas, ou seja, foram escritos considerando as especificidades linguísticas e histórico-culturais das pessoas com surdez. Como sabemos, a comunidade surda brasileira, de maneira geral, se comunica por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma língua de modalidade visuoespacial, em detrimento à modalidade oral-auditiva da Língua Portuguesa. Enquanto comunidade linguística os surdos brasileiros usuários de Libras são considerados uma minoria linguística. Nessa esteira, por comporem uma minoria linguística frente à uma maioria ouvinte falantes da Língua Portuguesa, são poucas as obras literárias escritas especificamente por/para a comunidade surda. Em geral, o que ocorre são adaptações dos clássicos da literatura para a realidade e a vivência da comunidade surda.

Diante disso, nos propomos, no presente trabalho, a analisar as obras *Cinderela Surda* (2007) e *Patinho Surdo* (2011), adaptações dos clássicos *Cinderela* (versão dos Irmãos Grimm em torno de 860 a.C.) e *O Patinho Feio* (publicado em 1843 pelo dinamarquês Hans Christian Andersen). Nosso objetivo é identificar e apresentar as relações intertextuais,

presentes nas referidas obras, que contribuem para a construção dos sentidos do texto. Para tanto, mobilizamos autores como: Piègay-Gros (2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Cavalcante (2018).

Para um melhor encadeamento e compreensão desse estudo, segmentamos este trabalho em seções: na primeira seção discutimos sobre a noção de texto, explicitando a definição que estamos considerando neste estudo. Além disso, apontamos os tipos de relações intertextuais segundo a proposta de Piègay-Gros (2010); na segunda seção, descrevemos nosso *corpus* e as ações metodológicas que utilizamos para que o objetivo deste trabalho fosse alcançado; na terceira seção, resultados e discussão, apresentamos a intertextualidade presente nas obras, destacando as que são por copresença e as que são por derivação; por fim, na quarta seção, tecemos nossas considerações finais.

2 | DO TEXTO À INTERTEXTUALIDADE

Para tratarmos sobre intertextualidade, é necessário, primeiro, entendermos o conceito de texto que consideramos para esta pesquisa. Entender esse conceito é relevante, porque este pode ser definido por meio de diferentes abordagens, a depender da área do conhecimento que o define e, ainda, considerando as adequações sofridas nesse conceito em diferentes momentos, mesmo dentro de uma área de concentração específica, como, neste caso, a Linguística Textual.

Beaugrande (1997, p. 10)¹ aponta que é “essencial ver o texto como um ‘evento comunicativo onde convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais’ e não apenas como a sequência de palavras que foram proferidas ou escritas”. Dessa forma, entendemos que a comunicação linguística não ocorre em unidades separadamente, mas considera o texto extensivamente e a sua relação com o ambiente onde ele funciona. Além disso, Koch (2015) atrela a essa visão de Beaugrande (1997) o dialogismo, uma vez que, para ela, texto é um evento de diálogo entre sujeitos sociais, os quais podem ser ou não do mesmo grupo social ou da mesma época, mas que estão, constantemente, em diálogo. Aqui, o sentido do texto é construído a partir da interação entre texto e sujeitos.

Assim, consideramos o texto, consoante Cavalcante (2018, p. 20) como “um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. [...] um evento de interação entre locutor e interlocutor”. Essa noção de texto tem origem na definição supracitada de Beaugrande, e considera a linguagem verbal e não verbal como constituintes de textos dotados de sentido e que cumprem um propósito comunicativo.

Nesse mesmo sentido, consoante Antunes (2010), para compreendermos um texto, devemos ir além do seu mecanismo linguístico, levando em conta que o texto trata de um evento comunicativo, em que se evidenciam ações de ordens linguística, cognitiva e

¹ It is essential to view the text as a “communicative event wherein linguistic, cognitive, and social actions converge” and not just as the sequence of words that were uttered or written.

social. Para a autora, há critérios que nos permitem definir texto. Apoiada em Beaugrande e Dressler (1981), a autora retoma e reorganiza os critérios de textualidade, colocando a intertextualidade como uma propriedade que pertence, diretamente, à construção do texto, visto que considera que todo texto possui outros textos antecedentes, mesmo que não tenhamos consciência acerca disso.

Antunes (2010) reforça, ainda, que é possível perceber que a noção de texto não se detém apenas a elementos da gramática e da sintaxe, uma vez que, para construir um texto, partimos de modelos, de crenças, de conceitos e de informações que foram disseminadas em interações anteriores, o que reafirma a intertextualidade como propriedade textual. Diante disso, ao produzirmos e/ou analisarmos um texto, é possível perceber as conexões que este faz com outros textos encontrados em nossas experiências anteriores. Não há texto isolado ou autossuficiente no que diz respeito à produção de sentidos, pois as relações intertextuais estão presentes em qualquer texto.

Acerca disso, Orlandi (2015, p. 28) assevera que “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. Há uma proximidade entre a formulação de Orlandi (2015) e a de Koch e Elias (2018, p. 101) quando dizem que “em sentido restrito, todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória social dos leitores”. O que nos permite compreender que a relação de retomada existente entre os textos e a relação com o contexto extralinguístico contribuem para a construção e a concepção de texto. A fim de melhor compreendermos essa remissão a outros textos, observemos, entre vários exemplos citados por Koch e Elias (2018), o da Figura 1:



Figura 1: Tirinha de Maurício de Sousa.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 11 fev. 2006.

Na tirinha, conseguimos identificar, sem dificuldade, o texto-fonte a que Maurício de Sousa faz referência, pois, ao lermos o texto, retomamos o poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. No primeiro quadrinho, o leitor percebe a intertextualidade implícita que há entre a tirinha e o poema. Já no segundo quadrinho, há uma intertextualidade

explícita ao texto original quando o personagem cita parte do poema, que serviu como base. Percebemos isso, principalmente, pelo uso das aspas, enquanto recurso tipográfico que remete a outro texto.

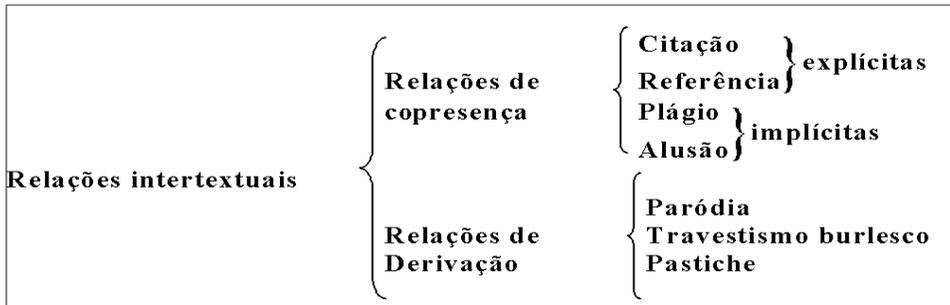
Nesse exemplo, o sentido é construído a partir do fato de que o personagem Bidu acredita que o outro cachorrinho se refere ao time Palmeiras, assim como, provavelmente, também acredita que o texto-fonte se refere a esse time, por isso ele recriou o trecho citando o time Corinthians. Portanto, a intertextualidade foi utilizada enquanto recurso que provoca humor, principalmente por meio do significado de “palmeiras” tanto no contexto do poema quanto no contexto da tirinha.

Assim, observamos que há um texto ilustrativo envolvendo dois times de futebol para provocar um efeito de humor, este foi adaptado de um outro texto do século XIX (Canção do exílio), escrito com um outro propósito, o de glorificar seu país distante, enaltecendo suas belezas naturais. Neste trabalho, também analisamos textos adaptados, neste caso, para surdos. Então, a partir de uma análise intertextual, o que nos mostrará estes textos, tendo em vista que foram escritos considerando o sujeito surdo e suas vivências dentro de uma comunidade majoritariamente ouvinte? É possível que as relações intertextuais manifestadas, evidenciem questões sociais como a inclusão, por exemplo? Antes de nos determos acerca dessas indagações precisamos discorrer sobre os tipos de relações intertextuais explicitando as características de cada uma delas.

2.1 Relações intertextuais

Como já destacamos, durante a produção de um texto, acionamos conhecimentos adquiridos em outros textos. Da mesma maneira, para compreendê-los, é necessário a ativação de um conjunto de saberes que também foram obtidos pelo contato com outros textos. Dito isso, é importante refletirmos um pouco mais acerca das questões sobre intertextualidade.

Cavalcante (2018) relata, em um breve apanhado histórico, que o conceito de intertextualidade surgiu com a francesa e crítica literária Julia Kristeva (1974), que dizia que qualquer texto é formado por um agrupamento de citações, apoiando-se à noção de dialogismo proposta por Bakhtin que postulou que um enunciado não pode ser compreendido isoladamente. Posteriormente, um outro crítico literário francês, Genette (1982), também trouxe contribuições para os estudos dos processos intertextuais. Piègay-Gros (1996) reestrutura a proposta de Genette, que eram propostas aplicadas a gêneros literários, mas que podem estar presentes em qualquer gênero. A seguir, apresentamos o quadro 1 que resume a proposta de Piègay-Gros (2010) para as relações intertextuais, presente em Cavalcante (2018, p. 146):



Quadro 1: Proposta de Piègay-Gros para as relações intertextuais.

Fonte: CAVALCANTE (2018, p. 146).

Como se observa no Quadro 1, acima, as relações intertextuais dividem-se em *Relações de copresença* e *Relações de derivação*. Estas se subdividem, ainda, em categorias mais específicas, sobre as quais discorreremos a seguir, ressaltando as características de cada uma dessas relações intertextuais.

2.1.1 RELAÇÕES DE COPRESENÇA E RELAÇÕES DE DERIVAÇÃO

Cavalcante (2018, p. 147) diz que as relações intertextuais marcadas por *copresença*, “são aquelas em que é possível perceber, por meio de distintos níveis de evidência, a presença de fragmentos de textos previamente produzidos, os quais são encontrados em outros textos”. Como apresentado no Quadro 1, os dois primeiros exemplos, *citação* e *referência*, são alocados na categoria *explícitas*, que, como o nome já destaca, ocorrem quando, no próprio texto, há a indicação do verdadeiro enunciador e/ou a origem do intertexto.

A partir do exposto, é possível, desde já, observarmos um exemplo de *citação* no parágrafo anterior, pois é apresentado um trecho entre aspas, uma marca padronizada de trabalhos acadêmicos. É importante frisar que outros indicadores tipográficos (negrito, itálico, fonte menor etc.) podem marcar esse limite com o texto onde a *citação* está inclusa. Já a *referência*, neste caso, foi indicada com o último sobrenome da autora Mônica Magalhães Cavalcante, seguido do ano da publicação da obra. Ressaltamos que, a exemplo desse processo de remissão, Cavalcante (2018) destaca aqueles que ocorrem por meio da menção do título e/ou personagens de obras literárias, do autor do intertexto etc.

Entre os tipos de relações intertextuais por *copresença*, há também *plágio* e *alusão* que são alocadas na categoria *implícitas*. Essa categoria é denominada dessa forma porque, no próprio texto, introduzem “intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo de seguir a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar no sentido contrário” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 31). Aqui também, como o próprio nome destaca, as relações

implícitas se referem aos textos que não apresentam ou não fazem menção ao texto-fonte, podendo este ficar subentendido.

O *plágio* é a apresentação enganosa de uma obra de outrem como sendo de autoria própria. Neste caso, as marcas tipográficas, comuns nas citações, e as referências não aparecem. Já a *alusão* Cavalcante (2018) explica que funciona como uma retomada, um indicativo deixado no texto, em que o coenunciador deve recorrer à memória para localizar o referente não dito, e seu reconhecimento requer maior capacidade de inferência. Marcuschi (2008, p. 249) destaca que a principal contribuição das inferências é “funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência”, sendo, portanto, essenciais para construção do sentido de textos.

Observemos, abaixo, um exemplo dado por Cavalcante (2018):

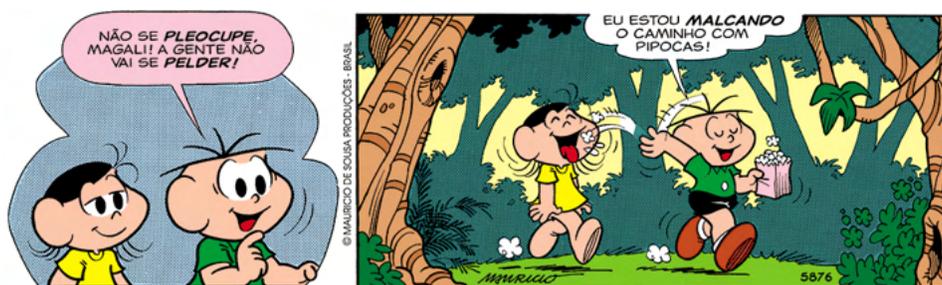


Figura 2: Tirinha de Maurício de Sousa.

Fonte: <www.monica.com.br/mauricio-site/>. Acessado em: 7 fev. 2012.

Como se verifica, não há citações ou referências diretas, mas, sim, uma relação de *alusão*, uma vez que, a fala do personagem Cebolinha (não se perder; marcar o caminho com pipocas) e a parte visual (cenário de floresta e a tentativa de marcar o caminho com comida) apresentam pistas (marcar o caminho com pedras e pedaços de pão e os passarinhos comem). que fazem nossa memória retomar a história infantil de *João e Maria*, dos irmãos Grimm.

As relações intertextuais marcadas pela derivação, por sua vez, são nomeadas de *paródia*, *travestimento burlesco* e *pastiche*, e, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), são caracterizados pela origem presente em outros textos já existentes (texto-fonte), marcados através de uma imitação ou transformação simples. Ao descrever a *paródia*, Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017) esclarecem que um texto incorpora o outro com a intenção de provocar no enunciatário o riso, ou apenas ser lúdico ou fazer uma crítica a algo ou, ainda, para ridicularizar. Um exemplo, também presente na obra das autoras, é apresentado na música “Aquele 1%”, da autoria de Gabi Luthai e Sofia Oliveira em resposta à letra da música original, interpretada por Marcus & Belutti com a participação de Wesley

Safadão, como mostra o Quadro 2:

Letra original	Paródia
<p><i>Aquele 1%</i> Refrão: Tô namorando todo mundo... 99% anjo, perfeito Mas aquele 1% é vagabundo Mas aquele 1% é vagabundo Safado e elas gostam</p>	<p><i>Aquele 1%</i> Refrão: Tá namorando todo mundo... Você tá mais para 1% anjo, perfeito E todo o restante é vagabundo E todo o restante é vagabundo Não é disso que elas gostam...</p>

Quadro 2: Paródia da música “Aquele 1%”.

Fonte: Adaptado de MARQUESI; PAULIUKONIS; ELIAS (2017, p. 119)

Neste caso, as duas versões são facilmente encontradas na plataforma *Youtube*, sendo possível perceber que a melodia é mantida e a transformação é apresentada na letra da música. É importante destacar que a *paródia* não se restringe a textos fundamentalmente verbais. Assim, observamos que a *paródia* é a transformação do conteúdo de um texto, mesmo com o estilo mantido. Por outro lado, existe o travestimento burlesco, que “é baseado na reescritura de um estilo a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado” (PIÈGAY-GROS, 2010, p. 230). Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 140) esclarecem que a finalidade é claramente satírica, e exemplificam:

É como travestir de mendigo um personagem conhecido culturalmente como um rei, pondo em sua boca palavras de um outro registro, e modificando-lhe as atitudes e reações. Passa-se de um estilo (leia-se melhor: de um registro) nobre a um vulgar, burlesco, promovendo a decadência de um mito.

Ainda sobre a intertextualidade por derivação, diferentemente dos dois discutidos anteriormente, *paródia* e *travestimento burlesco*, temos o *pastiche*, caracterizado pela imitação de um estilo ou de pistas da obra de um determinado autor. Esse tipo de intertextualidade não envolve a transformação de um texto, como na *paródia* (CAVALCANTE, 2018). Observemos o exemplo da Figura 3:



Figura 3: *Sticker* usado no *Whatsapp*.

Fonte: CARMELINO; KOGAWA (2020).

No exemplo acima, citado por Carmelino e Kogawa (2020) em um trabalho sobre a intertextualidade como marca dos *stickers* do *WhatsApp*, a imagem que circula na rede social representa um *pastiche*, pois imita o estilo de Leonardo da Vinci, pintor de *Mona Lisa*, obra do século XVI. O *sticker* imita a expressão introspectiva e um pouco tímida da *Mona Lisa*, utilizando a expressão facial de uma menina, para pedir que o interlocutor se contenha ou modere suas ações e/ou reações.

Tendo feitas essas breves considerações acerca das relações intertextuais passaremos para a análise propriamente dita de nosso material. Iniciamos apresentando na sessão a seguir, o *corpus* sobre o qual discutiremos nos resultados e discussões explicitando o método adotado para a análise das obras selecionadas.

3 | METODOLOGIA

O *corpus* desta pesquisa é composto por dois livros da literatura surda infantil: *Cinderela Surda*, de Hessel, Karnopp e Rosa (2007), e *Patinho Surdo*, de Rosa e Karnopp (2011). Vejamos as capas dos livros, disponibilizadas na Figura 4.



Figura 4: Capas dos livros analisados.

Fonte: Google imagens – Acessado em: 26 fev. 2021.

Ambos são a 2ª edição, respectivamente 36 e 32 páginas, da Editora da ULBRA (Universidade Luterana do Brasil) e durante todo o livro há uma mistura da linguagem verbal com a visual; foram escritos com base nas histórias clássicas de *Cinderela* (versão dos Irmãos Grimm em torno de 860 a.C.) e *O Patinho Feio* (publicado em 1843 pelo dinamarquês Hans Christian Andersen), porém, recontados a partir de uma experiência visual, com imagens e com textos reescritos considerando a cultura e identidade surdas.

Em nossa análise, utilizamos uma abordagem descritiva e explicativa que, como afirma Gil (2008), busca fazer a descrição das características do objeto e identificar os fatores que determinam e/ou cooperam para a manifestação dos fenômenos. Dessa forma, ao longo da fundamentação teórica deste artigo, apresentamos as noções das relações intertextuais desenvolvidas por Piègay-Gros (2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Cavalcante (2018), definindo e exemplificando-as. Assim, a partir de agora, com base nessa

teoria, faremos a identificação e a apresentação das relações intertextuais presentes no *corpus* selecionado, a fim de entendermos como se constrói estas relações entre os textos adaptados para surdos, escritos no início do século XXI, ou seja, considerando um contexto atual e no interior de uma comunidade ouvintista, a partir de clássicos da literatura, escritos em outras épocas (séculos IX a.C. e XIX).

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

‘*Cinderela*’ e ‘*O Patinho Feio*’ são clássicos da literatura mundial, ainda assim, iniciemos esta análise por um apanhado geral acerca dessas histórias. *Cinderela* é um conto de fadas que apresenta diferentes versões, sendo a mais conhecida a de 1697, escrita pelo francês Charles Perrault e baseada em um conto popular italiano denominado *La gatta cenerentola* (*A gata borralheira*), e a versão mais antiga a dos Irmãos Grimm, que surgiu em torno de 860 a.C. na China. *O Patinho Feio* também é um conto de fadas, publicado em 1843 e escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen.

Em *Cinderela*, temos a história de uma menina que, após a morte da mãe e o pai se casar com outra mulher, passa a conviver com sua madrasta e suas “irmãs”. Mais tarde, seu pai também morre e ela é forçada a trabalhar como criada. Em um dado momento, um baile é oferecido pelo príncipe do reino onde habitava. Este reuniu muitas garotas, inclusive as filhas de sua madrasta, que foram à festa na esperança de se casarem com o príncipe, mas Cinderela não pôde ir.

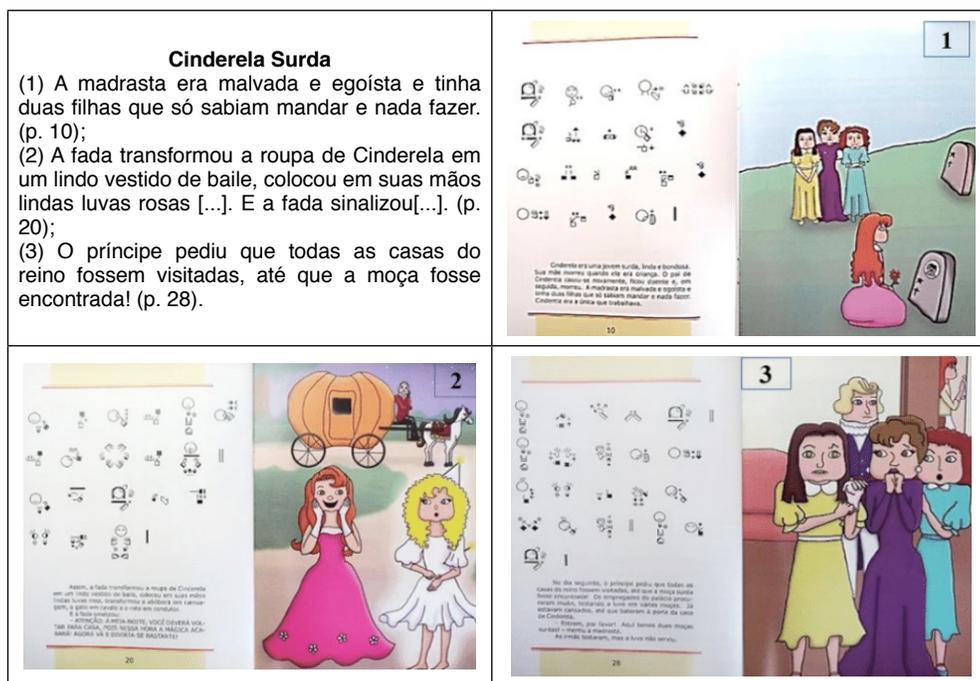
Inesperadamente, surge uma fada e lhe presenteia com um lindo vestido e uma carruagem para levá-la até ao baile, todavia tinha uma condição: Cinderela precisava voltar antes da meia-noite, pois o feitiço acabaria. A jovem vai ao baile, dança com o príncipe e, quando percebe o horário já próximo de meia-noite, se atrapalha para ausentar-se do castelo, e, na correria, deixa cair o seu sapatinho de cristal. O príncipe, que se encantou pela moça, sem conseguir se despedir na festa, pega o sapatinho e sai pelo reino a procura da bela moça. Ao chegar na casa de Cinderela, a madrasta tentou fazer o príncipe acreditar que o sapado era de uma de suas filhas, mas Cinderela foi a única no reino que conseguiu calçá-lo, então, os dois se casaram e foram felizes.

A segunda história, *O Patinho Feio*, trata de um ovo de cisne que é chocado no ninho de uma pata. Por ser diferente dos demais, o “Patinho feio” é perseguido e tratado com desprezo pelos outros. Até que, cansado do desrespeito, foge do ninho. Durante a sua jornada, um dia, atraído pela formosura dos cisnes, o patinho feio decide ir até eles, e quando percebe sua aparência através do espelho d’água, percebe que é um belo cisne também. Finalmente, ele encontra sua verdadeira família. Observemos, então, a partir dessas obras clássicas, que são os textos fontes, as relações intertextuais que existem entre essas obras e o *corpus* deste trabalho.

4.1 Relações intertextuais por copresença

O Quadro 1, que apresenta a proposta de Piègay-Gros sobre as relações intertextuais, disponível em Cavalcante (2018), começa com uma das formas mais explícitas, a *citação*. Apesar de, no texto das histórias analisadas, não serem apresentadas citações com marcas tipográficas, como são comumente encontradas, podemos encontrar a *citação* através de textos que fazem parte do imaginário popular, ou seja, entendidos como uma construção histórica definida pelas interações cotidianas das pessoas na sociedade, como é o caso dos clássicos da literatura infantil aqui analisados.

As histórias *Cinderela Surda* e *Patinho Surdo* mantêm, além do enredo, a maioria dos personagens principais dos clássicos da literatura infantil. Porém, as narrativas são contadas com foco na cultura e na identidade surdas, pois os personagens principais são surdos e se comunicam utilizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Nos trechos dos Quadros 2 e 3, podemos observar a intertextualidade com os textos fonte e a relação dos personagens com a LIBRAS.



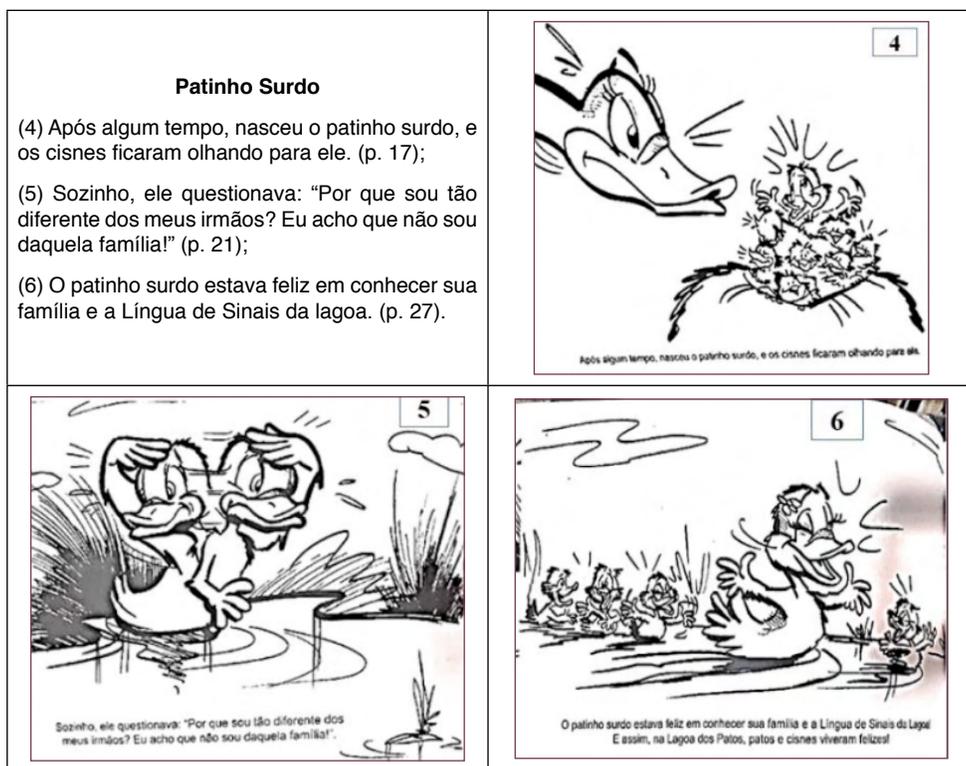
Quadro 2: Trechos de Cinderela Surda.

Fonte: HESSEL, KARNOPP; ROSA (2007).

Nos trechos expostos acima, verificamos que, em *Cinderela Surda*, ao citar as personagens, madrasta malvada e suas duas filhas, a fada e o príncipe, existe uma

relação intertextual de copresença explícita, ou, mais especificamente, uma *referência*, considerando que os personagens citados são os mesmos dos textos fontes. Além disso, percebemos a presença da intertextualidade na própria narrativa, quando identificamos as mesmas características das personagens dos “originais” nas personagens do conto adaptado, como, por exemplo, uma madrasta egoísta que, com suas duas filhas, só sabe mandar; um distanciamento das três personagens da imagem (1), e ainda nos eventos narrados, o fato de todas as casas do reino serem visitadas à procura de Cinderela.

Já nos expostos a seguir, de *Patinho Surdo*, a *referência* é observada ao citar os cisnes, pois no texto fonte a história acontece com patos e cisnes como personagens principais. Ademais, a intertextualidade também se manifesta na narrativa, pois o Patinho se considera diferente e é menosprezado pelos outros, neste caso por um motivo diferente, a comunicação por meio de uma língua de modalidade visual-espacial.



Quadro 3: Trechos de Patinho Surdo.

Fonte: ROSA; KARNOPP (2011).

Ademais, nos títulos das obras, já é possível identificar a relação intertextual por copresença *referência*, pois a remissão feita aos clássicos da literatura é realizada por meio do título da obra. Esse conhecimento é resgatado intertextualmente, mas não interfere na

compreensão de alguém que não conheça o texto das obras clássicas.

Um outro exemplo de *referência* é observado na trama de *Cinderela Surda*, pois o desenrolar dos fatos acontece na cidade de Paris, França, como apresentado no texto verbal da Figura 5 e no quadro que mostra o alfabeto datilológico.



Figura 5: Trechos Cinderela Surda.

Fonte: HESSEL, KARNOPP; ROSA (2007).

Essa relação com a França se deve ao fato de a LIBRAS ter origem na Língua de Sinais Francesa. Além disso, em *Cinderela Surda*, o príncipe (surdo) aprende a língua de sinais francesa com um professor contratado por seus pais, o Professor L'Épée. Existe aqui uma relação intertextual de *referência*, visto que Ábade Charles-Michel de L'Épée é um importante nome na história da educação de surdos, pois foi o primeiro a considerar a língua de sinais como meio de comunicação da pessoa com surdez e fundou a primeira escola de surdos aberta ao público, em Paris, no século XVIII. É relevante destacar que, no meio acadêmico, as referências são marcadas pela presença do sobrenome do autor e ano de publicação da obra.

No livro *Patinho Surdo*, diferentemente da versão clássica na qual um filhote de cisne nasce em um ninho de patos, é um patinho surdo que nasce em um ninho de cisnes ouvintes, como mostram os trechos no Quadro 4:

Patinho Surdo

(7) No bando, havia um casal surdo. (p. 7);

(8) [...] aquele ninho pertencia a um cisne ouvinte. (p. 14);

(9) A mamãe cisne falou: “Oi! Bem-vindo à lagoa!” Mas o patinho surdo nada respondeu. A mamãe insistiu: “Oi”. Mas ele continuava sem falar! O casal ficou apreensivo! O patinho então sinalizou: “Oi, mamãe! Oi, papai”. Os cisnes ficaram assustados! (p. 18);

(10) Contrataram o sapo intérprete e foram todos até o ninho dos cisnes. (p. 26)

Quadro 4: Trecho da história *Patinho Surdo*

Fonte: Livro dos autores.

Observando o quadro, percebemos as ocorrências de relações intertextuais por *alusão*, pois o seu reconhecimento requer um pouco mais de inferências do que as relações por *referência*. Observe que, sem descrever diretamente o texto-fonte, os trechos do Quadro 4 fazem alusão a outros textos (Textos 1, 2 e 3 abaixo) construídos a partir das discussões sobre “surdos que nascem em famílias ouvintes” (textos 1 e 2), evidenciados também no relato de Armando Guimarães Nembri (2012), autor surdo que conta sua história no livro “Ouvindo o silêncio: surdez, linguagem e educação”, a história de um surdo que nasceu em uma família ouvinte, e diz: “Ser surdo num mundo ouvinte é sentir o isolamento que vivencia e, positiva e efetivamente, vislumbrar a beleza e a riqueza da inclusão que não demora”. Bem como o trecho (10) do quadro acima que faz a relação com o Texto 3 abaixo, sobre “a atuação do intérprete na mediação entre surdos e ouvintes”.

Texto 1

O nascimento de uma criança surda provavelmente seja um stress para a família, mas não necessariamente a dor e senso de perda que é muitas vezes atribuída a ele pelos profissionais ouvintes (SKLIAR, 2013, p. 22).

Texto 2

Este é o grande desafio que tem sido enfrentado pelos educadores: com propiciar a aquisição de LIBRAS da melhor forma possível, uma vez que crianças surdas são, na maioria das vezes, filhas de pais ouvintes que nunca ouviram falar de língua de sinais, LIBRAS etc. (LACERDA; SANTOS, 2014, p. 17).

Texto 3

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

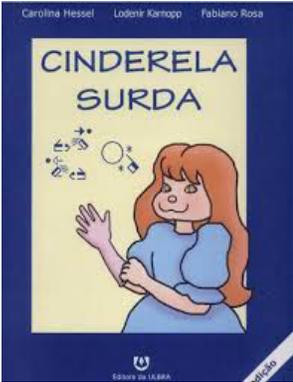
Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. (BRASIL, 2010)

Os intertextos foram retirados de obras dos estudos surdos e de materiais disponíveis

no meio eletrônico, e são bastante divulgados e lidos entre a comunidade surda. Dessa forma, verificamos a relação implícita que existe entre o trecho de *Cinderela Surda* e os trechos de estudos acerca da LIBRAS. Isso posto, a seguir, identificaremos as relações por derivação.

4.2 Relações intertextuais por derivação

é possível perceber, nas obras selecionadas para este trabalho, relações intertextuais por derivação, e aqui destacamos o *pastiche*, pois é caracterizado pela imitação de um estilo ou de pistas da obra de um determinado autor, neste caso, uma imitação da obra original, pois temos a princesa que chega ao baile, através de um feitiço que durará até à meia noite, com um belo vestido e uma carruagem. Vejamos o Quadro 5:

<p style="text-align: center;">Cinderela Surda</p> <p>(11) De repente, Cinderela olhou para o relógio da parede e viu que já era quase meia-noite. Com medo ela fez o sinal de TCHAU e saiu correndo. O príncipe segurou sua mão e ficou com uma luva, enquanto ela tentava sair correndo. (p. 24); (12) No dia seguinte, o príncipe pediu que todas as casas do reino fossem visitadas, até que a moça surda fosse encontrada! Os empregados do palácio procuraram muito, testando a luva em várias moças. (p. 28).</p>	
---	---

Quadro 5: Trechos de *Cinderela Surda*

Fonte: HESSEL, KARNOPP; ROSA (2007).

É possível observar que o texto fonte trata sobre o sapatinho que Cinderela deixou cair assim que o relógio se aproximou da meia noite, pois a magia acabaria. Em *Cinderela Surda*, o enredo e os personagens são mantidos, mas o sapatinho é substituído por uma luva rosa, como pode ser observado no trecho apresentado e na imagem da capa do livro. Essa adaptação se deve ao fato de que ela e o príncipe são surdos e utilizam a língua de sinais para se comunicarem, e é exatamente o *pastiche* que se revela nessa mudança, pois o estilo e enredo são mantidos, porém há a utilização das mãos para a comunicação, uma vez que nas línguas de sinais além das expressões faciais e dos movimentos corporais, as configurações e o movimento das mãos são fundamentais para a interação. Assim, essa transformação vem com o propósito de destacar o aspecto identitário da pessoa com surdez e a modalidade visual espacial da língua.

Relações intertextuais também podem acontecer em textos imagéticos. No texto a seguir, extraído de *Patinho Surdo*, percebemos que há um outro exemplo de *pastiche*,

considerando que, no exemplo, o estilo da história do Patinho Surdo foi relacionado ao estilo de um outro texto, no caso *O Patinho Feio*. Observemos a Figura 5:

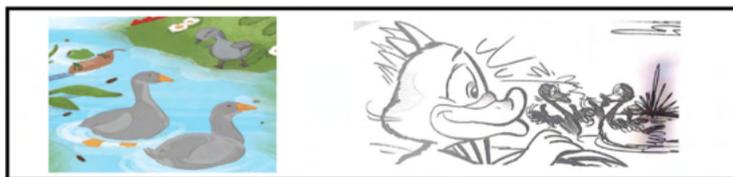


Figura 6: imagens de *O patinho Feio* e *Patinho Surdo*, respectivamente.

Fonte: Google imagens e ROSA; KARNOPP (2011), respectivamente

Sendo o *pastiche* caracterizado pela imitação de um estilo de outro texto ou autor, a imagem colorida, de *O Patinho Feio*, mostra quando o cisne, que nasceu em um ninho diferente (de uma pata) e foi rejeitado, encontra outros com a sua aparência e percebe que estes são da sua família ou espécie. Na outra imagem, em preto e branco, temos o mesmo estilo de texto, mas, nesse caso, é um patinho surdo que encontra outros patinhos surdos conversando em Língua de Sinais na Lagoa. Isso aconteceu depois que o Patinho Feio se percebeu no meio de uma outra família (de cisnes ouvintes) e saiu sozinho após ser desprezado pelos outros animais e pela sua família de cisnes. Na imagem, o patinho fica admirado e percebe que encontrou sua família e/ou espécie, constatando essa descoberta tanto pela semelhança na aparência quanto pela comunicação estabelecida através de sinais.

Com isso, a partir dessa análise, deixamos nossa contribuição, cientes de que não foram apresentados aqui exemplos para todos os tipos de relações intertextuais, visto que nossa análise focou, especificamente, em 2 obras, e que, ainda no corpus escolhido para este trabalho, há margem para mais estudos sobre intertextualidade, o que demanda um espaço maior e mais aprofundado para discussões.

Diante disso, acreditamos que outros estudos podem ser desenvolvidos, abordando não apenas a temática proposta, mas, também, os dois livros evidenciados, levando em conta, principalmente, a importância desses livros para a comunidade surda.

A seguir, apresentamos nossas considerações finais, destacando os resultados, as limitações e a abertura para mais pesquisas acerca de obras e temáticas, como as escolhidas nesta pesquisa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar e apresentar as relações intertextuais presentes em dois “clássicos” da literatura surda infantil, *Cinderela Surda* e *Patinho Surdo*, segundo as propostas de Piègay-Gros (2010). Nos textos em destaque, foram encontradas intertextualidades por *copresença* e por *derivação*, entre elas a *referência* e o *pastiche*.

Ressaltamos que a intertextualidade por *referência* aparece, geralmente, no meio acadêmico e o *pastiche* é percebido, comumente, com a imitação do estilo de outros autores. Porém, mesmos esses sendo os casos mais comuns, nesta pesquisa, foi possível identificar essas relações intertextuais, conforme a teoria dos autores que embasam este trabalho.

Geralmente, a intertextualidade é discutida ao estabelecer relações entre textos de uma mesma língua, já que, por meio de textos, se desenvolvem interações entre sujeitos e entre estes com o mundo à sua volta. No entanto, aqui, buscamos fazer essa análise com textos que evidenciam a cultura e identidade surdas, levando em conta a LIBRAS. Assim, considerando que a comunidade surda é uma minoria linguística e está dentro de uma comunidade maior (a de ouvintes), foi possível estabelecer relações intertextuais entre textos ligados ao tema da surdez, à LIBRAS, e textos fontes voltados, especificamente, para a língua portuguesa. Assim, essa pesquisa contribui para que outros trabalhos sejam desenvolvidos com esta temática, cientes também da possibilidade de outras abordagens possíveis para contribuir com nosso estudo.

Ressaltamos, ainda, que a intertextualidade é uma temática bastante explorada nos estudos linguísticos e, por isso, poderíamos, aqui, acrescentar mais exemplos e explorar mais o *corpus*, porém o espaço dedicado a um artigo é mais limitado, e, por isso, outras pesquisas ainda podem ser desenvolvidas explorando essas obras e a temática intertextualidade. Além disso, outras obras voltadas para a comunidade surda podem ser analisadas, considerando outros fatores de textualidade que se encaixam na Linguística Textual ou em demais áreas da Linguística. Acreditamos que explorar esse tipo de estudo contribui para a comunidade acadêmica e para a sociedade, uma vez que essas temáticas podem ser exploradas para além da academia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. Londres: Longman, 1981.

BEAUGRANDE, R. de. **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society**. Norwood: Ablex. 1997.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano CXLVII, n.169, p. 1, 2 set. 2010. PL 325//2009.

CARMELINO, A. C.; KOGAWA, L. A intertextualidade como marca dos *stickers* do *WhatsApp*. **Revista (Com)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 156-176, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/1188> . Acesso em: 26 fevereiro 2020.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CAVALCANTES, M. M.; BRITO, M. A.; ZAVAM, A. Intertextualidade e ensino. *In*: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. 109 – 127.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HESSEL, C.; KARNOPP, L.; ROSA, F. S. **Cinderela Surda**. 2. ed. Canoas: Ed. Ulbra, 2007.

KILY, J. O ambiente bilíngue: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilinguismo para surdos. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 15-26

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCHUSKI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOURA, M. C. Surdez e Linguagem. *In*: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. S. (Orgs.). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 13-26

NEMBRI, A. G.; SILVA, A. C. **Ouvindo o silêncio: surdez, linguagem e educação**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PIÉGAY-GROS, N. Introduction à l'intertextualité. Paris: Dunod, 1996. /tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vinência Maria Freitas Jaguaribe/**Intersecções – Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas** –Jundiaí, ano 3, n. 1, 2010.

ROSA, F. S.; KARNOPP, L.; **Patinho Surdo**. 2. ed. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 2, 3, 5, 33, 76, 139, 142, 145, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 197, 211, 213, 214

Autobiografia 3, 4, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43

C

Corpo 3, 5, 30, 38, 42, 48, 71, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 91, 92, 112, 120, 163, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 186, 187, 192, 195, 201, 202, 205, 226, 230, 232, 233, 234, 253, 254, 257

Cuidado humanizado 3, 6, 246, 249, 251, 256

D

Dança 3, 5, 42, 130, 141, 162, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 205, 206, 223

E

Ensino 3, 5, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 115, 138, 151, 152, 153, 154, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 171, 172, 176, 177, 178, 257, 258

Escrita 3, 4, 4, 6, 10, 11, 37, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 54, 56, 86, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 115, 118, 130, 145, 151, 153, 154, 226, 227, 232, 236, 237

F

Fazer poético 3, 5, 139, 140, 141, 145

Feminino 3, 38, 56, 57, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77

I

Imaginário 3, 4, 5, 22, 23, 41, 52, 54, 56, 57, 108, 109, 116, 131, 155, 189, 193, 234, 236, 251, 256, 257

Islã 3, 4, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 227

L

Leitura 3, 4, 6, 3, 10, 28, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 49, 50, 53, 66, 84, 87, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 121, 139, 144, 148, 210, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 255, 256, 257, 258

Letramento literário 3, 4, 97, 98, 99, 104, 105, 106, 107

Letras 2, 3, 20, 30, 31, 45, 56, 78, 96, 97, 100, 105, 121, 139, 141, 143, 144, 194, 211, 212, 256, 258

Linguística 2, 3, 4, 2, 3, 45, 82, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 137, 138, 150, 182, 183, 184, 185, 193, 194, 195, 232, 258

Literatura 3, 4, 5, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12, 17, 18, 19, 20, 32, 33, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 69, 70, 71, 76, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 129, 130, 131, 132, 136, 145, 149, 150, 155, 183, 190, 210, 236, 256, 258

Literatura infantojuvenil 3, 5, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

M

Marginalidade 3, 4, 86, 88, 89

Metalinguagem 3, 251

Morte 3, 4, 26, 38, 40, 42, 46, 51, 52, 53, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 130, 217, 223, 230, 235, 237, 250, 254

Música 3, 5, 49, 50, 127, 128, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 189, 192, 193, 196, 197, 204, 205, 208, 235, 250

P

Pensamento humano 2, 3, 58, 255

Pessoa com deficiência 3, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

R

Racismo 3, 6, 226, 236

Representação 3, 4, 20, 22, 29, 31, 34, 38, 39, 42, 52, 64, 80, 111, 113, 115, 119, 153, 154, 157, 160, 191, 199, 205, 210, 218, 229, 233, 254

Romances gráficos 3, 4, 1, 4, 7, 12

S

Samba 3, 6, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Saúde 3, 6, 116, 156, 230, 237, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 254, 255, 256, 257

Surda 5, 121, 122, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Surdez 3, 122, 133, 134, 135, 137, 138

T

Tradução 3, 3, 4, 5, 15, 18, 19, 22, 23, 30, 31, 33, 37, 43, 70, 77, 79, 81, 84, 85, 134, 138, 145, 149, 150, 194, 195, 211, 237, 256, 257

V

Violência 3, 6, 5, 20, 23, 25, 28, 30, 92, 226, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 252

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

